

A POSIÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS, ENQUANTO ENTREVISTADORES, NA PRODUÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA

*Ana Christina Souto Maior**
*Tatiana Fernandes Sant'ana**

INTRODUÇÃO

O ensino com gêneros textuais, em sala de aula, precisa estar voltado ao aspecto sócio-comunicativo, valorizando outros interesses, além do escolar. Dessa forma, a proposta de desenvolver qualquer tipo de atividade deve estar centrada no público-alvo que se pretende atingir, distanciando-se um pouco dos interesses apenas do professor, frente à correção do texto, adaptando o aluno a diversas situações do dia-a-dia, através dos gêneros textuais.

Com essa visão, acreditamos que a inclusão de uma seqüência didática aplicada à produção de um gênero é um procedimento eficaz na situação de ensino/aprendizagem. Aos poucos, os alunos organizam seus próprios textos e, progressivamente, vão tornando-se capazes de abordar diferentes gêneros nas situações cotidianas de leitura e de produção, como afirma Silva (2003). Dentre essas situações, destacam-se as da mídia, como a entrevista que constitui um gênero pertencente ao domínio jornalístico, cuja realização oral atinge diversos tipos de programas radiofônicos e televisivos, e cuja realização escrita ocorre em suportes, como revistas (HOFFNAGEL, 2002).

Preocupados com um ensino que remeta a uma reflexão sobre a língua na vida e na sociedade, desenvolvemos numa sala de aula de 1º ano do Ensino Médio uma seqüência didática centrada na leitura e produção de *entrevista*. Em tal situação, os alunos se colocaram como entrevistadores e entrevistaram autoridades, especialistas e pessoas públicas da cidade onde residiam. Neste contexto, o objetivo que norteou nossa pesquisa foi o de reconhecer o desempenho dos alunos na posição social de entrevistadores, após várias seqüências de leitura e análise sobre o gênero entrevista.

1. A EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O GÊNERO ENTREVISTA

Desenvolvemos uma experiência didática de leitura e escrita, adotando como linha de pesquisa a pesquisa-ação, estimulando a prática de uso do gênero entrevista pelos alunos, sob nossa orientação como professoras (uma, atuando como pesquisadora e outra, como observadora). O relato de nossa intervenção didática envolveu, basicamente, três

* Mestres / Universidade Federal da Paraíba

etapas, já descritas e analisadas em Sant’ana (2004). Sendo assim, retomamos aqui de forma topicalizada:

1ª Etapa: Escolha do tema e do gênero para estudo

- definição do tema a ser explorado, ‘Gravidez na adolescência’;
- seleção do gênero para estudo, ‘entrevista’;
- leitura e a compreensão de artigo de divulgação sobre o gênero selecionado.

2ª Etapa: Reconhecimento e análise do gênero entrevista

- seleção de seis pessoas (um padre, uma médica, uma enfermeira, uma assistente social, uma dona de casa e uma adolescente grávida) para serem entrevistadas;
- divisão da turma, em seis grupos, para entrevistar uma das seis pessoas;
- leitura e análise de entrevista na modalidade oral (assistindo, em vídeo, a uma entrevista realizada na TV Futura) e na modalidade escrita (discutindo acerca de duas entrevistas publicadas nas revistas Superinteressante e Veja);
- leitura de uma reportagem (coletada na internet sobre a temática escolhida).

3ª Etapa: Produção de Entrevistas

- produção de seis entrevistas (uma gravada em vídeo e as demais em áudio);
- elaboração de perguntas que serviriam como roteiro na produção do gênero;
- produção das entrevistas;
- transcrição de uma das entrevistas;
- reedição de uma das entrevistas – 2ª versão;
- retextualização, da fala para a escrita, desta entrevista;
- publicação da entrevista retextualizada, em um folheto informativo, distribuído no evento escolar ‘Amostra Pedagógica’ para cerca de mil pessoas.

2. A ENTREVISTA: UM GÊNERO TEXTUAL NA ESCOLA

O trabalho com gêneros textuais é uma oportunidade de utilizar a língua nos diversos usos do dia-a-dia, uma vez que tudo o que se diz está num gênero textual e a sua variação contribui, para que na vida diária, incluindo a escolar, as interações sociais possam ocorrer. Para Marcuschi (1995), o ideal é haver um equilíbrio entre o que é dito e o que precisa ser dito, atentando a fatores tais como quem é o autor, para quem foi escrito, qual é o objetivo, qual é o gênero de texto usado, qual é a situação sociocomunicativa envolvida, qual é o assunto etc.

Por reconhecermos a importância do ensino utilizando gêneros textuais, a entrevista surge como um gênero de fácil acesso e produção, pois, além de ter longa tradição, está sempre presente na mídia, com destaque para produção na imprensa escrita (jornais, revistas e internet) e na falada (rádio e televisão). Além disso, no âmbito escolar, o referido gênero é mais uma possibilidade de trabalhar com Língua Portuguesa, pois auxilia no desenvolvimento das atividades relacionadas à linguagem.

Considerando a entrevista como um gênero de texto que compreende aspectos específicos como estrutura, público-alvo, tema, linguagem, objetivos etc, priorizaremos a construção composicional da entrevista que, segundo Schneuwly e Dolz (2004), apresenta três partes que compõem a estrutura canônica, a saber: abertura, fase de questionamentos

(sempre marcada pelo par pergunta-resposta¹ entre entrevistador e entrevistado) e fechamento.

Nessa construção, o entrevistador é responsável por iniciar e encerrar a entrevista, fazer perguntas, estimular a transmissão de informações, induzir outros assuntos e atrair para si um direcionamento maior da interação e das relações de poder, destacam Schneuwly e Dolz, op. cit.). Por ter a função de informar, deve conhecer a vida pessoal e profissional do entrevistado, o assunto abordado e estar atento para elaborar perguntas improvisadas. O entrevistador pode também questionar pontos de vista diferentes do entrevistado, desde que não o agrida; e ainda pode insistir, repetidas vezes, numa mesma pergunta que o entrevistado tenha recusado a responder. Estas atitudes contribuem para que a entrevista se torne mais humanizada, despertando a atenção do público.

Faria e Zanchetta (2002) lembram que as perguntas devem ser feitas no mesmo nível de quem responde, além disso, podem ser evitadas frases do tipo “como o senhor está vendo isso?”, lembrando que a entrevista deve fugir do óbvio. E quando os entrevistados responderem “sim”, “não”, devem ser estimulados sempre com questionamentos como “por quê?”. Silva (2003) lembra que antes de formular as perguntas, devemos delimitar quais os objetivos que desejamos alcançar em relação a elas.

Alguns autores, como Marcuschi (2001) e Hoffnagel (2002), recomendam que ao ser transposta de uma modalidade para outra, a entrevista original deve ser transcrita em sua totalidade, para só então sofrer o processo de edição. As marcas orais como “ai”, “né”, “então” merecem ser excluídas, bem como as marcas de interação como sobreposições, pausas etc. No instante em que as perguntas são formuladas, ficam registradas por escrito e, quando editadas, passam por uma reformulação, a fim de manter uma imagem de diálogo entre os participantes. Para que tais modificações ocorram, devemos lembrar que é preciso passar pelas etapas de tempo de preparação, de realização e de edição do gênero.

Nas entrevistas publicadas, Hoffnagel (2002) defende que sua apresentação, bem como o espaço cedido, variam de um suporte para outro, no entanto, sempre apresentam uma fotografia, uma frase e um parágrafo que contextualiza a vida do entrevistado. As que são publicadas em revistas referem-se a três tipos gerais de pessoas, um especialista, para explicar um determinado assunto; uma autoridade, para expressar sua opinião sobre um evento; e pessoas públicas, para tornarem-se mais conhecidas pelo público.

Além de tais orientações, na produção do gênero, devemos considerar a capacidade do indivíduo de se reconhecer como objeto de avaliação no que se refere às suas pretensões de validade, questionando-se quanto às ações do interlocutor através dos seus conhecimentos pessoais. Partindo desse princípio, Bronckart (1999) afirma que, ao produzir um texto, o produtor deve utilizar suas representações dos mundos físico, social e subjetivo, a partir de duas direções: o *contexto de produção*, isto é, a situação de interação ou de comunicação em que o produtor julga se encontrar; e o *conteúdo temático* ou referente, em outras palavras, os temas abordados no texto e que influenciam os aspectos locucionais ou declarativos. No contexto de produção, conjunto de parâmetros que podem influenciar na forma da organização do texto, a produção de texto insere-se numa interação comunicativa, referindo-se tanto a normas, valores, regras do mundo social, quanto à imagem que o produtor dá de si ao agir do mundo subjetivo. Esta relação se dá em parâmetros como o

¹ No entanto, é válido destacarmos que nem todo evento marcado por perguntas e respostas constitui uma entrevista, como é o caso da tomada de depoimento e da prova oral (Marcuschi, 2001). Essa denominação está relacionada com o domínio/instância discursivo/a em que ocorre o evento.

lugar social, a posição social do emissor, a posição social do receptor e o objetivo da interação. Esses parâmetros só influenciam o texto tomando por base as representações individuais do produtor (mundo físico), primando pela identidade da pessoa e as suas coordenadas no espaço-tempo, e as experiências produzidas numa interação social (mundo sociosubjetivo), que muitas vezes contribuem para que o produtor fique confuso e não saiba exatamente que representação tomar.

Para efeito de análise, priorizaremos, a posição social do emissor, no nosso caso, os alunos-entrevistadores, observando como foi o seu desempenho na interação em curso, seja, na produção das entrevistas.

3. A POSIÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS-ENTREVISTADORES NA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

Para enfocarmos o desempenho dos alunos, na posição social dos entrevistadores, observaremos, de um lado, as discussões em sala de aula sobre o reconhecimento de uma característica do gênero ou sobre a produção de uma das versões do gênero e, de outro, a produção, em que serão enfocadas as entrevistas orais e a escrita. Para tanto, priorizaremos três critérios, a saber: a) iniciar e concluir uma entrevista; b) mediar a interação verbal com os entrevistados e com o público; e c) variar a linguagem de acordo com o público-alvo, propósito e tópico da entrevista.

Quanto ao critério a) “iniciar e concluir uma entrevista”, os alunos-entrevistadores não sentiram dificuldade em desenvolvê-lo, tendo em vista que, na abertura, todos introduziram a entrevista de forma contextualizada e, no fechamento, a maioria finalizou com um agradecimento ou com uma frase conclusiva dita pelo entrevistado.

Em relação à indicação de a entrevista ser iniciada com a fala do entrevistador, os alunos introduziram-na como aparece na mídia, revelando o nome do entrevistado e a finalidade da entrevista, como podemos observar no fragmento de entrevista oral a seguir:

- (01) entrevista oral, com a enfermeira
1. E1²: **estamos aqui com E** ((E1 diz o nome da entrevistada)) / **enfermeira do programa de saúde da família** da zona urbana // ela vai **nos esclarecer algumas questões sobre gravidez na adolescência** / da nossa cidade // há preconceito da
 5. sociedade em relação / com as adolescentes grávidas?

² A transcrição das entrevistas e das discussões em sala de aula foi centrada no modelo simplificado, proposto por Marcuschi (1986), ou seja: pausa curta /; pausa longa //; alongamento da vogal ::; fragmento incompreensível XXXX; trecho de releitura “ ”; comentários da professora-pesquisadora (()). Os interlocutores estão representados pelas abreviações: professora-pesquisadora P; alunos-entrevistadores E1, E2, E3 etc; alunos em sala de aula A1, A2, A3 etc; entrevistado E; grupo responsável pela entrevista G.

Notemos que o aluno-entrevistador, tomando por base as representações individuais em relação ao mundo físico, situa o leitor nas coordenadas espaço-tempo, introduz a entrevista e prima pela identidade da entrevistada, dizendo seu nome, profissão, cargo que ocupa *estamos aqui como E, enfermeira do programa de saúde da família*, linhas 01-02, e o tema a ser abordado *gravidez na adolescência*, linha 03, atentando à primeira parte da estrutura canônica da entrevista, a abertura, em que se recomenda iniciar o gênero sempre de forma contextualizada.

Vejamus como a orientação de iniciar a entrevista com a fala do entrevistador ocorreu na versão publicada³, a partir do fragmento de entrevista escrita abaixo:

(02) versão publicada, abertura

1. Mônica Silva Benício, 17 anos, residente na cidade de Puxinanã – PB, estudante da 7a série da E.E.E.F.M. Plínio Lemos, passou pela experiência de uma gravidez indesejada aos 14 anos de idade. **“No momento que eu fiquei sabendo que estava grávida tudo ficou diferente”**, afirma a adolescente, três anos depois, numa entrevista concedida ao Primeiro Alerta Jovem, na Escola Plínio Lemos.
- 5.

Após repetidas versões feitas coletivamente com a turma e com o auxílio da professora, os alunos chegaram a este produto. Iniciaram apresentando a entrevistada, nome completo, idade, cidade onde reside, a série e a escola onde estuda. A necessidade desta contextualização, expondo dados biográficos da jovem, surge em função do fato de que a entrevistada não é muito conhecida pelo público, além disso, esta é uma característica comum do gênero na modalidade escrita, como discutido em sala.

Um dado relevante foi que os alunos-entrevistadores deslocaram parte de uma das respostas presentes na primeira versão oral e inseriram-na como uma citação na contextualização da entrevista escrita *No momento que fiquei sabendo que estava grávida tudo ficou diferente...*, linhas 03 – 05. Este recurso é bastante utilizado em entrevistas publicadas em revistas, no intuito de despertar a atenção do público-alvo do evento escolar para o entrevistado e para o conteúdo temático.

Por ter sido retextualizada da fala para escrita, a entrevista publicada não teve um contexto imediato, sendo assim, os parâmetros de tempo e espaço são diferenciados, de forma que os alunos tiveram um espaço de tempo maior para refletir sobre as escolhas necessárias para produzir não só a abertura do gênero, como a fase de questionamentos e o fechamento.

Quando as entrevistas foram concluídas, alguns entrevistadores optaram por finalizá-las com suas falas e outros optaram por concluir com a fala do entrevistado. Ambas

³ Um aspecto interessante é o progresso dos alunos quanto à retextualização das duas versões orais para uma versão escrita da entrevista realizada com a adolescente grávida, feita após a produção de todas as entrevistas orais. Coube aos alunos ainda como entrevistadores reformular as falas para serem apresentadas na modalidade escrita, atividade que despertava receio.

são utilizadas nesse gênero no dia-a-dia. O fragmento de aula a seguir refere-se a estas atitudes, vejamos:

- (03) professora-pesquisadora e alunos, discussão sobre como iniciar e concluir uma entrevista
[...]
1. P: grupo dois / qual é a primeira pergunta?
A1: quais são as características estruturais das entrevistas?
A2: o entrevistador faz as perguntas ao entrevistado / e o entrevistado responde // o entrevistador abre e fecha as entrevista / e o
 5. entrevistado é obrigado a responder / e dar as informações
P: **olhe / essa coisa de abrir e fechar a entrevista / não é fixo / tá certo? // é:: digamos / uma característica padrão** // normalmente / o entrevistador abre a entrevista e ele encerra com as palavras finais / mas não é uma coisa / que toda entrevista
 10. tenha que ser isso não // **de repente / a entrevista pode encerrar com uma informação-chave / interessante / do entrevistado** // alguma coisa que ele disse / que foi interessante / pode / pode / a pessoa pode ir lá e colocar / tá certo? // então / assim / é uma característica geral

O posicionamento da professora, ao dizer inicialmente que *essa coisa de abrir e fechar a entrevista não é fixo*, linha 06, ressalta sua posição enquanto pesquisadora. Sua afirmativa de que *a entrevista pode encerrar com uma informação-chave, interessante, do entrevistado*, linhas 10 - 12, funciona como hipótese do que pode acontecer durante a produção, uma vez que não há como imaginar todas as representações usadas pelos alunos durante a produção do gênero.

Para efeito de demonstração, vejamos dois fragmentos de entrevista oral, um exposto a seguir, em que o gênero é concluído com a fala do aluno-entrevistador, seguindo a estrutura padrão; e, outro, apresentado mais adiante, em que a entrevista é finalizada com a fala do entrevistado. Observemos o primeiro fragmento:

- (04) entrevista oral, com a enfermeira
1. E1: que mensagem você deixa para alertar as adolescentes / quanto a gravidez indesejada?
E: as adolescentes devem pensar em relação sexual como uma responsabilidade / e não como uma brincadeira / a
 5. adolescente tem que colocar na cabeça que o filho vai depender dela pro resto da vida / uma preocupação pro resto da vida

E1: **obrigada // esses foram alguns itens para as adolescentes se alertarem** sobre a gravidez precoce / e pensarem na responsabilidade que devem ter

É notável a preocupação da aluna-entrevistadora, E1, ao agradecer a atenção e as respostas dadas pela entrevistada ao dizer um *obrigada*, na linha 07, e de concluir com uma reflexão, ao resumir que os principais pontos discutidos serviriam *para as adolescentes se alertarem*, linhas 07 - 08, em relação ao tema proposto.

Observemos o outro fragmento de entrevista oral, feita com a adolescente grávida, em que o grupo encerrou seus questionamentos com a fala da entrevistada, conforme revela abaixo:

- (05) entrevista oral, com a adolescente grávida
1. E1: qual a mensagem que você deixa para as adolescentes?
E: **a mensagem que eu deixo é:: antes de fazer qualquer coisa / pense bem // não se iluda com qualquer rapaz / ou com qualquer moça / para que não ocorra uma gravidez indesejada / evitando / assim / doenças sexualmente transmissíveis**
 - 5.

A fala da entrevistada *a mensagem que eu deixo é ...*, entre as linhas 02 - 06, é a que encerra a entrevista feita com a adolescente grávida. Esta resposta conduz a uma reflexão preventiva para o público-leitor que visitaria o evento.

As duas opções aqui utilizadas para concluir a entrevista, ou com a fala do entrevistador ou com a do entrevistado, estão perfeitamente adequados em relação à produção do gênero: a primeira opção (concluir a entrevista com a fala do entrevistador) está mais próxima à modalidade oral, visivelmente presente em programas televisivos, entrevistas de emprego etc; já a segunda (concluir a entrevista com a fala do entrevistado) está mais voltada à modalidade escrita, como encontramos nas entrevistas de revistas, jornais impressos etc. Estas duas opções nos fazem lembrar do caráter maleável de um gênero, causando efeitos variados numa norma pré-estabelecida, como ocorre na entrevista.

Quanto ao critério b) “mediar a interação verbal com o entrevistado e com o público”, os alunos também desenvolveram sua posição social de entrevistadores, uma vez que demonstraram constante preocupação com o público-alvo do evento escolar que iriam representar, colocando-se no lugar deste público, prevendo suas perguntas e retirando todas as dúvidas e questionamentos sobre o tema. Para ilustrar esse aspecto, vamos apresentar um fragmento de aula a seguir:

- (06) professora-pesquisadora e alunos, discussão sobre o objetivo da entrevista na mídia
1. A1: pergunta três // qual o objetivo de entrevista / na mídia?
P: qual o objetivo de entrevista na mídia? // o que vocês acham?
A2: **mostrar para o público em geral?**
P: mostrar o quê?
 5. A2: **o entrevistado**
A3: **apresentar informações ao público**
P: apresentar informações ao público // que mais?
A4: **apresentar informações / sobre o devido assunto que está sendo comentado na entrevista**
 10. P: pronto / muito bem / vamos confirmar ou não // que / que a equipe respondeu?
A2: **manter a humanidade informada / dos fatos ocorridos sobre o assunto**

Observemos que a preocupação dos alunos está voltada para *mostrar para o público em geral*, linha 3, *o entrevistado*, linha 5, apresentando *informações sobre o devido assunto que está sendo comentado na entrevista*, linhas 08 - 09. Ou seja, os alunos apontam características diretamente voltadas ao público em geral que, apesar de ser um participante passivo, representa uma audiência específica em mente, no caso da produção, os leitores do folheto informativo.

Este foi um relevante momento de conscientização da importância do papel do entrevistador, tendo em vista que, nesta situação, os leitores destas produções seriam outros, diferentemente dos que eles estavam acostumados (professores e colegas). Por isso, era importante refletir a respeito do papel de entrevistador, responsável por informar sobre o conteúdo e, por isso, conhecer o entrevistado. Isso contribuiu para que a entrevista fosse realizada de forma interativa e, portanto, mais próxima de sua realização empírica.

Comparando estas idéias, discutidas na etapa de escolha do gênero, com a etapa da produção das entrevistas, percebemos que algumas perguntas improvisadas e outras conclusivas feitas pelos alunos-entrevistadores demonstraram uma preocupação de interagir com o entrevistado e com o público visitante da amostra escolar, conforme podemos observar no fragmento de entrevista oral abaixo transcrito:

- (07) entrevista oral, com o padre
1. E1: **vossa reverendíssima / já presenciou algum fato / com uma adolescente grávida de familiares próximos / próximos em / no modo de dizer assim / um pai com uma filha / um padrasto com a afilhada?**
 5. E: não
E1: **não // é:: mas se / por acaso / assim / presenciasse / qual seria sua reação?**

- E: bem / eu já presenciei outros casos de adolescentes grávidas / né? // não que fique do pai / entendeu? / mas que / nossa atitude deve
10. ser uma atitude de misericórdia

Neste fragmento de produção, percebemos a preocupação do aluno-entrevistador E1 em suscitar a fala do entrevistado, no momento em que não obteve a resposta desejada pelo padre, insistindo na pergunta, como revela nas linhas 06 - 07, *não, mas se por acaso assim presenciar, qual a sua reação?*. Sendo assim, E1 estimula a interação, reformulando a pergunta de forma que o público não se decepcione com a resposta fornecida. Esta ação de linguagem feita pelo entrevistador foi estabelecida de forma orientada pelo domínio social (a igreja), representado pelo entrevistado (o padre) e pelo interesse quanto ao conteúdo abordado (gravidez na adolescência).

Num outro fragmento de entrevista, mais uma vez é revelada a preocupação dos entrevistadores com o público do evento escolar, ao E2 estimular uma resposta que funcionaria como um conselho, um incentivo às práticas sociais, como notificado no fragmento abaixo:

- (08) entrevista oral, com o padre
1. E2: nós do grupo / gostaríamos **que o senhor deixasse uma mensagem** para as / as adolescentes da comunidade
- E: com todo carinho do mundo / a adolescência / é a fase mais maravilhosa do mundo // [...] a minha / a minha // o meu recado
5. para o jovem é que veja Jesus Cristo / ele é o caminho / a verdade e a vida / e / que Deus todo poderoso / pela família e pela vida de Jesus / viva a vida / ame-se mais / nunca se prostitua e / de forma nenhuma pratique o aborto
- G: **amém**

E2, ao sugerir uma *mensagem*, linha 01, tinha em vista uma reflexão para as adolescentes em relação ao tema proposto. Destacamos também que todo o grupo de alunos responsável por esta entrevista, ao envolver-se nessa situação, representou uma outra posição social, reconhecendo normas da sociedade. Ao dizer *amém*, linha 09, revela a sua posição de cristãos, concordando com o que o entrevistado acabou de declarar. Observemos que este grupo, ao reformular perguntas e interagir com o entrevistado, demonstrou um grande interesse pelo tema, uma vez que a entrevista seria exposta no evento escolar, para cerca de mil pessoas, tendo como apresentadores os membros deste grupo entrevistador.

A entrevista realizada com a adolescente grávida, na versão publicada, também demonstrou uma mediação do entrevistador, representado pelo nome do folheto informativo, com a entrevistada e com o público. Com relação a esta afirmação, vejamos o fragmento que segue:

(09) versão publicada, fase de questionamento

1. Primeiro Alerta Jovem: **É possível descrever as dificuldades enfrentadas durante a gravidez?**

Mônica: As maiores dificuldades enfrentadas foram os preconceitos. Em todos os lugares que eu chegava as pessoas diziam

5. “uma gurria esperando outra criança”, mas eu não ficava com vergonha. Um outro problema foi que muitos dos meus amigos não queriam andar comigo, mas eu superei, pois nunca me senti desamparada, sempre tinha alguém me apoiando.

Uma pergunta presente nas duas versões orais (*quais foram as maiores dificuldades enfrentadas durante sua gravidez?*) foi reformulada, substituindo o pronome interrogativo *quais* pelo modalizador *é possível*, linha 01, o que sugere que a entrevistada aponte suas dificuldades durante a gestação. Esta atitude dos alunos-entrevistadores, representados pelo folheto informativo Primeiro Alerta Jovem, revela uma maior complexidade em relação à escrita, contribuindo para que a entrevista, circulada num ambiente cultural, seja mais interessante e o leitor fique ansioso para saber qual a resposta e para ler o restante da entrevista. Dessa forma, foram inseridas construções nominais como *é possível* para expressar o envolvimento presente nas situações contextualizadas da produção oral.

E, quanto ao critério c) “variar a linguagem de acordo com o público-alvo, propósito e tópico da entrevista”, desde a etapa de escolha até a de produção, quase todos os grupos optaram por um estilo de linguagem adaptado aos valores sócio-histórico-culturais e adequado aos prováveis leitores do folheto informativo.

Na etapa de escolha do gênero, em sala de aula ocorreu uma discussão, entre alunos e professora-pesquisadora, centralizada na linguagem da entrevista, desmistificando o falso conceito relativo à obrigatoriedade da linguagem culta na produção da entrevista, conforme revelada no fragmento de aula que segue:

(10) professora-pesquisadora e alunos, discussão sobre a linguagem utilizada na entrevista

1. P: tem mais alguma pergunta / gente?
A2: como se apresenta a linguagem dentro da entrevista?
A3: a linguagem dentro da entrevista varia de acordo com o público-alvo / e o propósito / e o tópico da entrevista
5. P: essa história de variar com o público-alvo / no caso de entrevista entre / por exemplo / **médico e paciente** / **ele** ((o médico)) **vai ter que se adaptar ao entrevistado** / certo / porque / caso contrário / não vai ter entendimento entre os dois / tá certo? / e::qual é o outro ponto / que eu esqueci?
10. A3: o propósito / e o tópico da entrevista
P: certo / a linguagem vai ser de acordo com o propósito / agora / cuidado // pra gente não ter essa noção de que **na**

- Veja só vai aparecer linguagem culta / não é bem isso
// depende do público / certo ? / ou seja / o
entrevistador deve se adequar ao
linguajar do entrevistado**
- 15.

Ao tentar esclarecer um pouco mais sobre a linguagem utilizada na entrevista, notamos a preocupação da professora em explicar a que se referia. Inicialmente, ao expor que na relação entre médico e paciente, *ele vai ter que se adaptar ao entrevistado*, linhas 06 - 07, a professora estava preocupada em fazer com que os alunos percebessem que não é obrigatório usar a linguagem formal, mas sim, usar uma que seja conveniente e que propicie a compreensão entre os envolvidos. Em seguida, dá exemplos como *na Veja só vai aparecer linguagem culta, não é bem isso, depende do público*, linhas 12 - 14, enfatizando que o importante é adaptar-se à situação ou à finalidade da entrevista em questão e não apenas ao suporte em que será editada.

Conscientes de que tinham um público-alvo bastante variado, como famílias, autoridades, professores, crianças etc, os alunos-entrevistadores demonstraram, na etapa de produção, um cuidado particular com o estilo verbal, recaindo na preocupação de referir-se aos entrevistados com polidez, ao mesmo tempo em que evitavam ser excessivamente formais. Acerca disto, observemos o fragmento de entrevista oral abaixo, atentando para o uso dos pronomes de tratamento usados pelos alunos-entrevistadores:

- (11) entrevista oral, com a dona de casa
1. E1: estamos na casa da **senhora** M ((a entrevistadora diz o nome da entrevistada)) para entrevistá-la sobre / gravidez na adolescência // uma mãe que já passou por essa situação / dentro de sua própria casa
5. E1: boa tarde / **dona** M
E: boa tarde
E2: como **você** soube que sua filha estava grávida?
E: eu já estava um pouco desconfiada / aí conversei com ela e ela falou toda a verdade // eu aconselhei ela fazer todos os exames
10. / pois quando soube / ela já estava mais ou menos com três meses de gravidez
E2: qual foi sua reação quando **você** soube?
E: bom / quando eu fiquei sabendo / eu fiquei muito preocupada / porque toda mãe se preocupa com o filho / mas
15. depois conversamos e ficou tudo bem

Observemos a seqüência de pronomes que foi utilizada pelas alunas-entrevistadoras para se referirem à entrevistada. Num primeiro contato, E1 utiliza o pronome de tratamento *senhora*, linha 1, seguido de *dona*, linha 5, operadores que expressam respeito com quem está sendo entrevistado. Já a partir da pergunta inicial até o restante da entrevista, as

entrevistadoras substituíram estes pronomes pelo uso do *você*, como pode ser percebido nas linhas 7 e 12, que segundo a gramática normativa, é usado com quem se tem uma intimidade, neste caso, estimulando a espontaneidade entre entrevistadora e entrevistada. Com tal postura, notemos que a aluna-entrevistadora E2 absorve a discussão anteriormente exposta (fragmento 10) sobre a linguagem, adaptando-a ao objetivo e ao público-alvo da entrevista.

As demais entrevistas orais, de uma forma geral, foram conduzidas com expressões deste tipo, com algumas exceções. Na entrevista com o padre, os entrevistadores repetidas vezes fizeram uso do pronome de tratamento *Vossa Reverendíssima*, procedimento que deve ser evitado neste gênero, por ser de uso excessivamente formal.

Este critério de variar a linguagem em função do público e do propósito da entrevista foi o que despertou mais atenção da turma, contribuindo, inclusive, para a realização do trabalho de reescritura. Os alunos, na reescritura da entrevista publicada, sentiram-se motivados em unir informações, presentes nas versões orais, a fim de manter o encadeamento. Sendo assim, eliminaram palavras repetidas, transformaram períodos longos em frases curtas, e ainda, conseguiram associar várias respostas numa só frase.

De forma geral, do ponto de vista da interação dos participantes, podemos afirmar que a maioria dos grupos entrevistadores procurou promover a mediação com os entrevistados e com o público, revelando uma maior disposição para envolverem-se na situação. Esta interação é decorrente da representação que estes entrevistadores demonstraram sobre a situação de ação de linguagem em que se encontravam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa análise, observamos que foi possível alcançar resultados sob dois aspectos, o desempenho dos alunos quanto às condições de produção do gênero entrevista, em especial, na posição de entrevistadores, e o reconhecimento das implicações deste estudo para o ensino de língua.

No que se refere à posição social de entrevistadores, ao introduzirem as entrevistas sempre de forma contextualizada, desde a primeira produção, os alunos demonstraram sentir-se influenciados pela mídia, numa situação que se aproximava de uma experiência real, em que assumiram, verdadeiramente, a posição de entrevistadores.

Ao interagirem com o entrevistado e com o público, é notável o envolvimento dos alunos-entrevistadores, sobretudo nos momentos que (re)formulavam as perguntas e solicitavam informações que orientariam os leitores. Além disso, ao variarem a linguagem de acordo com o público-leitor, os entrevistadores utilizaram expressões coloquiais, adequadas ao público-alvo, predominantemente moradores da cidade onde residem, aproximando-se da discussão, em sala, com as professoras.

No que diz respeito à implicação deste estudo para o ensino de língua, podemos destacar que o trabalho orientado, durante várias semanas, contribuiu para que os alunos percebessem que, para produzir um gênero, oral ou escrito, exige tempo, planejamento, revisão, uma seqüência de leitura/escrita do gênero, e principalmente, uma motivação definida, atentando para questionamentos tais como quem escreve, para quem, para que, o quê etc.

Gostaríamos de ressaltar também a importância do professor em manter-se sempre como pesquisador, refletindo acerca da teoria e da prática adotadas em sua sala de aula, o

que estimula um melhor desenvolvimento do ensino/aprendizado de língua. Neste sentido, acreditamos que desenvolver uma proposta de ensino, utilizando um gênero simplificador e facilitador da aprendizagem, como a entrevista, é um meio eficaz para renovar as práticas escolares tão desgastadas e ampliar os conhecimentos sociais dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.
- BUCHALLA, Ana Paula. A visita ao inferno. Entrevista. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, p. 11,14-15, 23 de outubro de 2002.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira e ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. IN: DIONISIO, Ângela Paiva et. alii (org). **Gêneros Textuais do Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.180-193.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. In: **Anais do I Encontro de Língua Falada e Ensino**. Maceió: Editora da UFAL, 1995, p. 27 –48.
- _____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORAIS, Jomar. Sandro Malburg Bosco. Superpapo.**Revista Superinteressante**. edição 172, São Paulo: Editora Abril, p. 88-89, janeiro de 2002.
- SANT’ANA, Tatiana Fernandes. Gênero textual: uma experiência no Ensino Médio. In: **II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem aplicadas ao ensino – ANAIS**. João Pessoa: Idéia, março/2004, p. 2080 a 2083. 1 CD-ROM.
- SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: ROJO, Roxane H.e CORDEIRO, Glaís Sales (trads. e orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 71-91.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

SILVA, Williany. **O gênero textual no espaço didático**. Recife, junho de 2003. Tese de doutorado (inédita).

<http://www.adolescente.psc.br/adolescente.gravidez.htm>.